

MICHELLE MARQUES BASTOS

MÓVEIS DE MINAS:
a história do polo ubaense

Viçosa - MG
Curso de Comunicação Social/Jornalismo da UFV
Departamento de Comunicação Social
2010

MICHELLE MARQUES BASTOS

MÓVEIS DE MINAS:
a história do polo ubaense

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Comunicação Social/ Jornalismo da Universidade Federal de Viçosa, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social.

Orientador: Prof. Dr. Ernane Corrêa Rabelo

Viçosa - MG
Curso de Comunicação Social/Jornalismo da UFV
Departamento de Comunicação Social
2010



Universidade Federal de Viçosa
Departamento de Comunicação Social
Curso de Comunicação Social/Jornalismo

Monografia intitulada: “Móveis de Minas: a história do polo ubaense”, de autoria da estudante Michelle Bastos, aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

Prof. Ernane Corrêa Rabelo – Orientador
Curso de Comunicação Social/ Jornalismo da UFV

Prof. Raul Carneiro Filho
Curso de Comunicação Social/ Jornalismo da FAGOC

Cristina Milagres
Curso de Comunicação Social/ Jornalismo

Viçosa, 10 de junho de 2010.

RESUMO

O livro reportagem “Móveis de Minas: a história do polo moveleiro ubaense” retrata a trajetória dos marceneiros e empresários da cidade de Ubá rumo ao reconhecimento nacional na produção de móveis. Tal reconstrução foi feita a partir de relatos orais e pesquisa documental, de memórias das principais pessoas que contribuíram nesse processo, fotos e documentos; passou por importantes momentos como a implantação do modelo de produção em série, a criação de um sindicato que representasse o setor, as primeiras feiras e, mais tarde, a construção de um pavilhão dedicado à exibição destas; e culminou na FEMUR 2010 (Feira de Móveis de Minas Gerais), acontecida durante o mês de maio de 2010, que movimentou milhões de reais, além de levar investimentos e turistas para a cidade, que oficialmente conta com aproximadamente 100 empresas do ramo cadastradas, mas estima-se que somem mais de 300. O livro constitui-se, assim, um registro inédito de memória da cidade de Ubá e de famílias e empresas que participaram do processo.

PALAVRAS-CHAVE: Polo, móveis, Ubá, livro-reportagem

ABSTRACT

"Furniture from Minas: history of the furniture producing area in Uba" portrays the trajectory of furniture production in the city of Uba toward national recognition. The reconstruction was made through oral reports and study of key people's memories, photos and documents provided by participants in the process. It covers important moments such as the implementation of the mass production model; the creation of a union to represent the industry; the first fairs; and the construction of a pavilion to host the events. The report culminates with the accounts of FEMUR 2010 (Furniture Fair of Minas Gerais), which involved millions of dollars and brought investment and tourists to the city – that officially has about 100 registered companies in the industry, though estimations add this number up to more than 300. The book is thus a new record of the memory of Uba, as well as the families and businesses that participated in the process.

KEY WORDS: Producing area, furniture, Uba, report-book

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	06
CAPÍTULO 1 - REFERENCIAL TEÓRICO	08
1.1 Jornalismo Literário.....	08
1.2 Novo Jornalismo	10
1.3 Livro Reportagem.....	12
1.4 Imersão na realidade.....	15
CAPÍTULO 2 - “MÓVEIS DE MINAS: a história do polo ubaense”	17
CAPÍTULO 3 - METODOLOGIA	19
4.1 Apuração	19
4.2 Planejamento.....	20
4.3 Projeto Gráfico.....	21
4.4 Memorial.....	22
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	23
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	25

INTRODUÇÃO

O livro reportagem “Móveis de Minas: a história do polo ubaense” surgiu a partir de uma conversa com um dos precursores do polo moveleiro de Ubá e presidente da fábrica de móveis Apolo, Generoso Carneiro. Nas vésperas de seus 60 anos, lembrava sua vida profundamente ligada ao ofício moveleiro. Filho de marceneiro, já aos oito anos de idade ajudava o pai, funcionário da extinta fábrica de geladeiras da cidade de Ubá. Ali, plantava-se na cidade a veia industrial, mais tarde aprimorada por inúmeros seguidores da produção moveleira.

Generoso, então, sugeriu que tais histórias e lembranças fossem registradas por meio de uma reportagem – já que seus protagonistas estavam idosos e alguns até mesmo haviam falecido – a fim de que, daqui a alguns anos, ou até mesmo para o conhecimento de muitos que estão no ramo, mas desconhecem a saga de seus precursores, as raízes não se perdessem.

Com base nos aprendizados teóricos que tangem à grande reportagem e ao jornalismo literário e fundamentada nas técnicas de produção do formato livro-reportagem, desenvolvi o presente trabalho, composto de um memorial teórico, um caderno de entrevistas e o livro reportagem, a fim de que, unindo referenciais teóricos e práticos, pudesse desenvolver o Trabalho de Conclusão de Curso e, ainda sim, um produto do qual a cidade de Ubá e a Universidade Federal de Viçosa pudessem usufruir, seja como arquivo histórico, ou como instrumento educacional.

O presente estudo busca entender o jornalismo literário e sua relação com o livro-reportagem, a partir de práticas discursivas que registram o surgimento e algumas transformações que influenciaram os modos como a narrativa literária se torna pauta e agenda do cotidiano na produção jornalística.

Pretendeu-se situar o fortalecimento do fazer jornalístico no campo literário na perspectiva da sociedade moderna, na qual os produtos ou atividades culturais passam a contar com interesses públicos, adquirindo, por isso mesmo, maior penetração na vida social. Não se trata, portanto, de construir uma história do jornalismo literário ou do Novo Jornalismo, ou do livro-reportagem, mas de destacar momentos importantes em que produções, fatos e situações jornalísticas/literárias passam a ocupar as páginas dos impressos e, posteriormente, dos livros, em forma de reportagens, pelo interesse, tematização e agendamento público. É esse o olhar que pauta o estudo que se segue.

Para contar sete décadas de história, que envolvem aproximadamente 300 micro-histórias – de cada empresa constituída –, foi necessário fazer escolhas de caminhos a serem percorridos. Para tal, escolhemos, como fio condutor, Generoso Carneiro, um dos precursores e incentivadores do polo, que por longo percurso esteve presente nas grandes decisões que deram rumo à história da atividade moveleira.

1 REFERENCIAL TEÓRICO

1.1 Jornalismo literário

A divisão entre Jornalismo e Literatura sempre aconteceu por uma linha muito tênue. O homem, por sua essência, sempre tentou classificar coisas em gêneros por ele definidos, como forma de “ter domínio racional sobre o mundo” (PENA, 2006); assim também aconteceu com o jornalismo e com a literatura. E, nesse caso, o objetivo geral da delimitação

[...] é fornecer um mapa para a análise de estratégias do discurso, tipologias, funções, utilidades e outras categorias. Ou seja, propor uma classificação a posteriori com base em critérios a priori. (PENA, 2006).

Platão foi o primeiro a classificar a literatura, há quase três mil anos, baseando-a nas suas relações com a realidade e definindo o discurso como mimético, expositivo ou misto. Já o jornalismo teve sua primeira tentativa de classificação dada na separação entre notícias e comentários, no começo do século XVIII, por Samuel Buckeley¹. Mas, diversamente da primeira, essa delimitação contribuiu para que perdurassem controvérsias até os dias atuais.

Mesmo sem delimitação precisa, os paradigmas da separação entre notícia e opinião sempre nortearam a produção jornalística. Contudo, o misto entre o dois gêneros – literário e jornalístico – aconteceu em solo europeu, durante o século XIX. Os percalços da história mudaram significativamente o modo de se classificar a produção escrita. A partir dos estudos discursivos de Mikhail Bakhtin², ou através das codificações históricas de Tzevetan Todorov, ou a partir da conclusão de diversos outros autores, concluiu-se que os gêneros são relativos e transitórios.

Diante desse quadro, imagine o problema que é analisar a junção de dois discursos diferentes: o jornalístico e o literário. Ao longo da história, vários teóricos tentaram definir essa junção como um gênero específico. Entretanto se o princípio básico é o da transformação e transitoriedade, a missão torna-se impossível. (PENA, 2006).

1-Samuel Buckley foi jornalista. Entrou na história por ter sido diretor de um jornal inglês chamado *Daily Courant*, fundado em 1702, para ser o primeiro jornal diário de natureza política no mundo.

2- Linguista russo. Um filósofo da linguagem, não se atendo a língua isoladamente, mas incluindo na análise lingüística, fatores extra-lingüísticos como contexto de fala, a relação do falante com o ouvinte, momento histórico, etc.

3- Filósofo e lingüista búlgaro.

Enquanto a literatura permitia o ficcional e dava mais liberdade semântica, sintática e verbal ao escritor, o jornalismo havia adquirido, ao longo do tempo, baseado na premissa da separação entre o objetivo e o subjetivo, um modelo padrão ditado pelas empresas jornalísticas, em sua maioria na forma de jornais diários.

“Até o século XIX não havia um conjunto de convenções de como deveria ser um texto jornalístico. As redações abrigavam um sem número de pretensões literárias e, como não havia normas de estilo, a retórica fluía livremente.” (DEMÉTRIO, 2010).

Pela classificação de Marcondes Filho, portanto, a influência da literatura na imprensa está mais presente nos chamados primeiro e segundo jornalismo. Estamos falando justamente dos séculos XVIII e XIX, quando escritores de prestígio tomaram conta dos jornais, e descobriram a força do novo espaço público. (PENA, 2006).

No quadro das transformações desencadeadas pela Revolução Industrial, de imediato, a produção jornalística “em série” surtiu os efeitos desejados; entretanto, com a chegada da Primeira Guerra Mundial, a imprensa – especialmente a americana – descobre “que estava muito presa aos fatos, ao relato das ocorrências, mas era incapaz de costurar uma ligação entre eles, de modo a revelar ao leitor o sentido e o rumo dos acontecimentos. (LIMA, 2004).

Nesse contexto de guerras, como apontam estudiosos, passou-se a usar, no texto jornalístico, o que caracterizamos como lead pirâmide invertida, para facilitar o trabalho de correspondentes.

Como as transmissões por telégrafo eram caras e instáveis – não havia nenhuma garantia de que o repórter conseguiria passar todo o texto antes de uma quase inevitável queda de conexão –, estabeleceu-se que o primeiro parágrafo de cada despacho tinha de conter os elementos essenciais da notícia. Uma espécie de resumo do texto que respondesse às questões quem, quando, onde, como e por quê. A partir de então, o texto começava a destrinchar os detalhes do ocorrido, em ordem decrescente de importância. A técnica ficou conhecida como pirâmide invertida. (BELO, 2006).

O jornalismo diário passava a ter amarras, como pouco tempo de apuração e redação, limite de espaço disponível para o texto, assim como a perda da diversidade linguística, prevalecendo a objetividade, o lead e a pirâmide invertida. Assim, a literatura ergueu-se como uma alternativa a esses entraves, surgindo a interface entre as duas atividades e criando-se um novo gênero da escrita. Sendo assim, a subjetividade que marca o jornalismo literário contrapõe-se à extrema objetividade do lead. (SANTANA, 2010). Dessa nova relação, Demétrio destaca:

Por jornalismo literário pode-se entender uma modalidade dessa prática na qual não só o conteúdo é importante, mas também a forma do texto se coloca como uma das preocupações fundamentais. Existe algo que se desprende da obsolescência

programada das edições diárias e que fica; a capacidade do jornalismo recriar a realidade com um estilo próprio, construindo com isto um relato cuja propriedade mais destacada é seu estilo de narração.

Na mesma linha, surgem as revistas, com grandes reportagens, que se comprometem com a compreensão aprofundada dos fatos e consolidam o jornalismo interpretativo. A reportagem torna-se, portanto, a ampliação da notícia.

1.2 Novo Jornalismo

No hemisfério norte, escritores como Mark Twain e George Orwell usavam artifícios do realismo social em suas peças literárias, que contribuíram enormemente para aproximar o jornalismo da literatura e, conseqüentemente, a reportagem do livro. Um marco dessa trajetória foi o lançamento, em 1919, de *Dez dias que abalaram o mundo*, um relato minucioso do jornalista americano John Reed sobre a Revolução Russa, “considerado por muitos como o primeiro livro-reportagem”. (CARTA, 2004).

A partir da publicação em quatro partes de *In Cold Blood* (A Sangue Frio), de Truman Capote, pela revista *New Yorker* em 1965, a fusão entre técnicas da ficção com jornalismo investigativo numa reportagem vai conquistar notoriedade e fazer escola. Capote escreve jornalismo com as ferramentas da ficção e não dissimula isto. (DEMETRIO, 2010).

A produção de Capote contava a história de dois bandidos que assassinaram uma família na zona rural do Kansas, nos Estados Unidos. Capote recriou diálogos interiores e reconstruiu a atmosfera de cada cena. (PENA, 2006). Entretanto, o autor não reconhecia o produto como jornalismo, preferia chamá-lo de “romance de não-ficção”.

Infelizmente, o contexto social da primeira metade do século XX não era muito animador para o desenvolvimento do livro-reportagem. Nessa época, o jornalismo ainda era visto como atividade marginal, enquanto que a literatura de ficção era tida como nobre. Tal disparidade fazia com que escritores de grande potencial com Hemingway fizessem uso da primeira apenas como forma de aperfeiçoar suas habilidades narrativas, para, então, dedicar-se inteiramente à segunda.

A conduta de Hemingway era a do escritor que alimenta seu enfoque inicial nas fontes profícuas do realismo social literário, mas que ia buscar no jornalismo tanto o aperfeiçoamento dos processos de captação quanto a lapidação da sua técnica de expressão. No início, era o jornalismo inspirando-se na literatura. Depois, era a literatura alimentando-se do jornalismo. (LIMA, 2004).

Em 1973, fincavam-se os pilares do gênero através do manifesto escrito por Tom Wolfe. Apesar de alguns autores apontarem a utilização do termo em ocasiões anteriores, como em 1887, para desqualificar WT Stead, repórter engajado nas causas sociais que recriava o ambiente da entrevista e tinha papel participativo em suas matérias, foi Wolfe, quem deu início ao que hoje admitimos como New Journalism.

O que vai proporcionar o advento do Novo Jornalismo contemporâneo na década de 1960, nos Estados Unidos, é a insatisfação de muitos profissionais da imprensa com as regras de objetividade do texto jornalístico, expressas na famosa figura do lead, uma prisão narrativa que recomenda começar a matéria respondendo às perguntas básicas do leitor. (PENA, 2006).

PENA afirma que, segundo Wolfe, os repórteres deveriam seguir o caminho inverso das redações e ser mais subjetivos. Não precisariam ter a personalidade apagada e assumir a encarnação de um ‘chato’ de pensamento prosaico e escravo do manual de redação. (PENA, 2006).

Concomitantemente, pode-se dizer que no Brasil Euclides da Cunha seria o primeiro escritor a sinalizar este intermeio entre ficção e realidade,

com sua narrativa da derrocada de Canudos, em *Os sertões*. Resultado de seu trabalho como repórter para O Estado de S. Paulo, ainda que não se configure como reportagem, a narrativa de *Os sertões* apresentou novas possibilidades ao tratamento jornalístico de um fato, como a contextualização e a procura pelas origens do conflito que apontam para o leitor o sentido mais amplo do evento narrado. (LIMA apud FONTANA, 2008)

Mesmo tendo poucas obrigadoriedades teóricas, o movimento registrou algumas condições básicas à produção do Novo Jornalismo: a reconstrução da história cena a cena, o registro de diálogos completos, a apresentação de cenas pelos diferentes pontos de vista dos personagens, além do registro de hábitos, roupas, gestos e outras características simbólicas do personagem.

Para agregar valor estético ao texto, “é possível abusar das interjeições, dos itálicos e da sucessão de pontuações”. (PENA, 2006).

O detalhamento do ambiente, as expressões faciais, os costumes e todas as outras descrições só farão sentido se o repórter souber lidar com os símbolos. Se puder atribuir significado a eles, e, mais importante ainda, se tiver a sensibilidade para projetar a ressignificação feita pelo leitor. (PENA, 2006).

O Novo Jornalismo é, portanto, uma retomada da narrativa com algumas especificidades ligadas à sua época. É o tipo de jornalismo que busca expressar a realidade contando histórias, ou melhor, recontando a história, com foco nos personagens reais que

deram vida aos acontecimentos, com um estilo individualizado de criação do texto, para que o leitor tenha impressão de que o texto flui como um conto ou um romance. Essa tendência extrapola, de certa forma, a superficialidade das publicações diárias, nas quais o repórter recebe quase sempre três ou quatro pautas para cobrir, impedindo-o de trabalhar melhor o fato e de investigá-lo para oferecer ao leitor um material mais completo. Rildo Cosson, mestre em literatura pela Universidade de Brasília, diz que:

O jornalismo é o império dos fatos, a literatura é o jardim da imaginação. Na metáfora do império estão contidas as ideias de força, domínio e amplidão de territórios que contrastam com a fragilidade e a sacralidade da arte de cultivar as flores da linguagem no jardim da imaginação. (COSSON, 2002).

Assim, o Novo Jornalismo pode configurar-se como uma versão própria e renovadora do jornalismo literário. Ao ler uma reportagem literária sobre um fato histórico, mesmo conhecendo o fim da história, o leitor fica sem saber o que vai acontecer na página seguinte. Os acontecimentos são esperados pelo leitor, mas cada ação dos personagens é relatada como em um filme. O Novo Jornalismo é, portanto, uma tentativa de busca da realidade, sem deixar de lado as impressões do autor, que, nesse contexto, pode optar pela imparcialidade, ou, quando julgar apropriado, opinar sobre um determinado assunto.

1.3 Livro reportagem

Com todos esses fatores que possibilitavam a produção de uma nova forma de jornalismo, surgia também um novo veículo, com parâmetros diferenciados e liberdade para seu autor. Como descreve BELO (2006), os veículos desprezam o acompanhamento de boas histórias, o que torna a cobertura da imprensa cada vez mais burocrática e superficial, obrigando os profissionais interessados na reportagem a procurar caminhos alternativos. Ainda segundo ele, “as alegações são quase sempre as mesmas: falta tempo e dinheiro para investir na apuração, espaço para publicar e leitores dispostos a digerir reportagens longas”.

Tais condições criam um nicho favorável à produção de livros-reportagem, já que, segundo o autor, a premissa de que o leitor não está disposto a encarar longos textos está errada. Há um desencontro entre os anseios do leitor e a produção da mídia impressa, que tem sido responsável por uma série de equívocos.

O maior deles talvez seja o mito de que o leitor não gosta de ler – associado quase sempre, à idéia de que esse mesmo leitor não quer saber de histórias longas e não tem tempo para isso. Se é um leitor, por que não leria? (BELO, 2006).

Essa é a grande lacuna – e a grande oportunidade – a ser preenchida pelos livros-reportagem. Afinal, o trunfo da mídia impressa está essencialmente no uso da palavra, em detrimento da imagem, do som ou da interatividade dos outros meios. O importante é explorar os recursos linguísticos para este tipo de produção.

Em contrapartida ao imediatismo dos outros meios, o jornalismo impresso tem a seu favor maior tempo para apuração, apresentando, por conseguinte, matérias aprofundadas e completas, que vão além da notícia superficial da televisão, do rádio e da internet.

Olhando por esse ângulo, fica fácil perceber que a dificuldade por que passa a mídia impressa no Brasil – e em parte do mundo – é menos uma crise da comunicação escrita do que um problema de identidade. Jornais e, em menor grau, revistas ainda não encontraram um caminho adequado para sobreviver à era da informação eletrônica, massificada e quase imediata. Ao mesmo tempo, têm sistematicamente deixado de lado um de seus maiores diferenciais em relação às mídias eletrônicas: a reportagem. (BELO, 2006).

Mesmo sendo essa a grande oportunidade dos meios impressos, a disposição de capital e tempo nem sempre torna as matérias atrativas e aplicáveis pela maioria dos veículos. “Em compensação, centenas de jornalistas dedicam-se com desenvoltura à reportagem em livro, um gênero bastante apreciado pelo mercado norte americano.” (BELO, 2006).

Esse também tem sido um caminho promissor no Brasil, mesmo diante de um mercado editorial limitado e economia restrita. O livro-reportagem tem, assim, algumas peculiaridades em relação à reportagem dos periódicos.

O livro reportagem é o veículo de comunicação impressa não-periódico que apresenta reportagens em grau de amplitude superior ao tratamento costumeiro nos meios de comunicação jornalística periódicos. Esse “grau de amplitude superior” pode ser entendido no sentido de maior ênfase de tratamento ao tema focalizado – quando comparado ao jornal, à revista ou aos meios eletrônicos –, quer no aspecto extensivo, de aprofundamento, seja quanto à combinação desses dois fatores. (LIMA, 2004).

Ainda segundo LIMA (2004), os livros-reportagem se distinguem de três formas: quanto ao conteúdo, ao tratamento e à função. Ou seja, o objeto de abordagem da qual se trata o livro; a linguagem, a montagem e a edição; e as finalidades típicas do jornalismo: informar, orientar e explicar.

BELO (2006) acrescenta que:

Em uma definição quase acadêmica, é possível dizer que livro-reportagem é um instrumento aperiódico de difusão de informações de caráter jornalístico. Por suas características, não substitui nenhum meio de comunicação, mas serve como complemento a todos. (BELO, 2006).

Outra importante peculiaridade da temática abordada nos livros-reportagem é a atemporalidade, não comportando temas de caráter efêmero. Este se volta para o relato da contemporaneidade, resgatando no tempo algo mais distante do que o hoje, mas que, todavia, segue causando efeitos neste. (LIMA, 2004).

Aliás, todo ele está envolto na liberdade em todos os seus aspectos, por, na maioria das vezes, tratar de uma produção autoral. O autor pode escolher a temática, a angulação, as fontes, o propósito, a forma de apuração – o que nem sempre pode acontecer dessa forma nos veículos de comunicação. Nestes, está sujeito à pressão e ao controle de editores e subjugado aos interesses da empresa para a qual trabalha.

No jornalismo literário, o jornalista utiliza-se de diversas técnicas e procedimentos convencionais, mas pode enveredar pela imersão na realidade retratada. É também tarefa do livro-reportagem a contextualização dos fatos, procedimento pouco percebido no jornalismo diário. O trabalho de apuração resume-se na busca pela exatidão. Porém, engana-se quem pensa que é possível chegar a uma verdade absoluta, uma informação hipoteticamente objetiva.

Todo ser humano tem uma formação, um arcabouço de ideias, informações e preferências que influenciam seu modo de ver o mundo e de relatar o que vê, ouve e entende. A interpretação, portanto, deve ser tão isenta e imparcial quanto possível. (BELO, 2006).

O conteúdo deve portar elementos suficientes para que o leitor possa tirar suas próprias conclusões dos fatos, mesmo que apresentada a do autor, e este não concorde com tal.

2.4 Imersão na realidade

Dentre as diversas estratégias utilizadas pelos jornalistas durante a produção de um livro-reportagem, para que este possa portar elementos suficientes ao pleno entendimento do tema, do ponto de vista do leitor, destaca-se a imersão na realidade a ser retratada. É importante estar dentro dessa realidade, no sentido de inserir o autor no universo retratado.

O novo jornalismo permite, na verdade exige, uma abordagem mais imaginativa da reportagem e consente que o escritor se intrometa na narrativa se o desejar, conforme acontece com frequência, ou que assuma o papel de observador imparcial, como fazem outros, eu inclusive. Procuro seguir discretamente o objeto de minhas reportagens, observando-o em situações reveladoras, anotando suas reações e as reações dos outros a eles. Tento absorver todo o cenário, o diálogo, a atmosfera, a tensão, o drama, o conflito e então escrevo tudo do ponto de vista de quem estou focalizando, revelando inclusive, sempre que possível, o que os indivíduos pensam

nos momentos que descrevo. Esta visão interior só pode ser obtida, naturalmente, com a plena cooperação do sujeito, mas se o escritor goza da confiança daqueles que focaliza, isto se torna viável por meio de entrevistas, onde a pergunta certa é feita no momento exato. É assim possível saber e registrar o que se passa na mente das pessoas. (TALESE, 2001).

Tais procedimentos permitem que os textos abordem não só os acontecimentos envolvidos na história, como também aspectos subjetivos e psicológicos de cada pessoa retratada, que podem assumir o papel de fonte ou “personagem” do relato verídico.

Tal utilização pode se observada na narrativa do livro *Hell's Angels*, de Hunter S. Thompson, na qual o autor se envolveu com as gangues que na época – 1967 – ilustravam as capas de jornais para desmistificar ou corroborar com a visão da imprensa. Para isso, praticamente virou um deles: passou a conviver com eles diariamente durante cerca de um ano, a rodar em cima de sua própria motocicleta e ver pessoalmente como eles viviam e o que faziam. Entretanto, segundo BORGES (2008), “Thompson, desvenda os exageros e mitos criados pela imprensa da época a respeito deles e explica como surgiram e o que eram essas gangues de motoqueiros formadas por sujeitos que estavam à margem do Sonho Americano”.

Ainda segundo o autor, o grande diferencial é que o livro não é um amontoado de relatos de segunda mão, nem uma tese de antropologia. *Hell's Angels* é um livro feito a partir da “imersão na realidade” – então também chamada de “captação participativa” – o que se pode observar no trecho a seguir:

Uma noite, no inverno de 1965, eu levei a minha moto – e um passageiro – pro lado mais alto de uma estrada escorregadia por causa da chuva ao norte de Oakland. Eu entrei numa curva obviamente perigosa a uns 110 Km/h, esticando a minha segunda marcha. A pista molhada impediu que eu inclinasse o suficiente para compensar a tremenda inércia e, em algum lugar no meio da curva, percebi que a roda traseira não estava mais seguindo a dianteira. (BORGES, 1967).

3 “MÓVEIS DE MINAS: a história do polo ubaense”

Pretender contar toda a trajetória da cidade de Ubá rumo ao reconhecimento nacional na produção de móveis, nos seus mais minuciosos detalhes, seria muita pretensão, já que, durante todo o período, muitas empresas abriram e fecharam em curto espaço de tempo; outras não se oficializaram ou não deixaram registros, mas nem por isso deixaram de contribuir para que a cidade se tornasse referência em mobiliário. Entretanto, através da participação de Generoso Carneiro, assim como do olhar de empresários que fizeram história e toda a diferença, podemos traçar os passos decisivos de todo esse processo.

Segundo registros e memórias, mais de 300 fabricantes fizeram parte do polo. Desses, foram entrevistados os mais relevantes e/ou os que de alguma forma influenciaram os outros ou os caminhos que foram seguidos. Em alguns casos, em que essas pessoas já não mais estavam aqui, foram entrevistados parentes e antigos funcionários, afim de que pudéssemos traçar os mais importantes momentos.

O livro se torna, assim, pertinente para a cidade de Ubá, visto que consiste em uma releitura de um período de sua história e a reconstrução dos fatos de sua principal atividade econômica, que a faz ser reconhecida mundialmente. O projeto compila diversos relatos, documentos e fotos históricas, que se encontravam dispersos em arquivos pessoais ou da cidade.

A grande maioria dos atuais fabricantes de móveis – que, segundo a lista oficial do sindicato que representa o setor, o Intersind, somam-se mais de cem – surgiram a partir da década de 1980 e 1990. Apesar de haver grandes nomes, como o de José Francisco Parma – que implementou a fabricação em série na cidade –, outros anteriores a ele, como os Trevizzano – que, ainda de forma artesanal, iniciaram a produção – são desconhecidos de grande parte dos ubaenses.

Podemos dizer que, nesse sentido, o livro tem importância para a cidade, pois a informação está ligada à produção de conhecimento no indivíduo, sendo definida “como agente mediador na produção do conhecimento, [qualificando-se] em forma e substância, como estruturas significantes com a competência de gerar conhecimento para o indivíduo e seu grupo”. (BARRETO, 1994). Nestes termos, a informação é qualificada como um instrumento modificador da consciência do homem e de seu grupo. (BARRETO, 1994).

Para mim, é importante oferecer este trabalho à minha cidade, deixando-o como contribuição, além de estabelecer contato com empresários e instituições representativas do setor.

Durante o período de realização deste, pude também colocar em prática o que aprendi na faculdade, como técnicas de apuração, entrevista, escrita, diagramação, entre outros. Além das conquistas pessoais, através da realização deste, terei a oportunidade de oferecer um produto à UFV e aos diversos personagens que contribuíram deixando suas histórias e se emocionando, ao saber que sua história familiar representava interesse para toda a sociedade.

Para o curso de Comunicação Social da Universidade Federal de Viçosa, o presente instrumento constitui um produto do que aqui é ensinado, além de estar levando o nome da instituição para diversas pessoas e entidades. É uma forma de associar a teoria ao empirismo da atividade jornalística, estendendo os muros da Universidade não só por toda a cidade à qual pertence, mas por toda a região, contribuindo para o estudo do jornalismo literário no curso de Comunicação Social, da Universidade Federal de Viçosa.

O público leitor deste trabalho se constituirá, portanto, de ubaenses, pessoas relacionadas à atividade moveleira na cidade e em outras regiões, os familiares e amigos de cada entrevistado e órgãos representativos e históricos da cidade, como Prefeitura, Câmara Municipal, Arquivo Histórico, Intersind, Movimento Empresarial, Movexport e Biblioteca Municipal.

3 METODOLOGIA

3.1 Apuração

O processo de apuração deu-se início com o relato de Generoso Carneiro, que por cinco vezes foi consultado. A partir de seus relatos, foram procurados todos os que foram por ele citados.

Durante tal processo, foi necessária a ajuda de algumas instituições ligadas ao polo, como o Sindicato Intermunicipal de Indústrias - o Intersind, o Movimento Empresarial e o Arquivo Histórico Municipal de Ubá. Entretanto, para não cair nas corriqueiras pautas diárias, em que se procura um representante apto a falar por diversos indivíduos representando o setor, estes participaram como ponte para interligar-me aos entrevistados, por vezes, apresentando números e documentos que facilitariam a compreensão dos fatos e, no momento certo cronologicamente, falando sobre a experiência da instituição pela qual respondem.

Segundo MEDINA (2001), quanto mais industrial for o processo jornalístico dentro de uma instituição, mais há imediatismo na escolha das fontes e, assim, o risco de ficar sempre com os mesmos entrevistados aumenta.

São, quase sempre, figuras proeminentes de cada setor, cuja palavra se mede pelo poder que representam. E quando se quer dar um pouco de tom popular à reportagem, joga-se o repórter (em geral, se iniciando na profissão) na rua, ele vai lá e colhe depoimentos do povo. (MEDINA, 2001).

Portanto, para fugir dessa recorrência, procurei falar com quem não só presenciou, mas protagonizou o fato, com exceção daqueles que já faleceram. Para Pena (2005), “as fontes oficiais são sempre mais tendenciosas”, visto que as que não têm tal representatividade, por vezes, podem ser desmentidas. No entanto, o livro visa recontar memórias, tornando os relatos destes únicos e exclusivos, já que para ROSA (2007):

[...] com a micro-história ocorre(rá) valorização de fontes e documentos, possibilitando a utilização de fontes orais ou por que não dizer da história oral e conseqüentemente da memória, das lembranças, considerando essencialmente que a história é feita de homens e mulheres com sentimentos, emoções, vivências desejos e sonhos.

As entrevistas que compõem o livro reportagem foram feitas, em sua maioria pessoalmente, pois MEDINA (2001) defende uma proximidade entre o entrevistador e o entrevistado, destacando que é necessário enxergar o lado humano e psicossocial do momento da entrevista. Em alguns momentos, essa aproximação se deu por e-mail – já que

tais entrevistados viajam constantemente – ou ainda por telefone. Algumas delas, foram publicadas parcialmente na Revista Vox, de Ubá, nas edições 13, 14, 15, 17, 18, 19 e 20.

Para LAGE (2001), as entrevistas podem ser, do ponto de vista dos objetivos: rituais, temáticas, testemunhais, ou em profundidade. No caso específico deste trabalho, configuraram-se como testemunhais, já que visavam á descrição de um fato segundo o ponto de vista particular do entrevistado.

Outra classificação que LAGE (2001) aponta é quanto às circunstâncias de realização da entrevista, que pode ser: ocasional; confronto; coletiva; ou, dialogal. No caso do presente livro, a entrevista foi realizada de forma dialogal, ou seja, acordada com antecedência.

Foram utilizados também como fonte de referência o livro comemorativo “15 anos Intersind” e a revista comemorativa “20 anos Intersind”, além de sites institucionais.

Em alguns momentos, ocorreram também pesquisas nos arquivos da cidade de Ubá e tentativa de identificar as fotos lá encontradas. Em outros momentos, aconteceram visitas aos locais em que as fábricas se constituíram e/ou que ainda possuem determinado produto dela.

Em outros momentos, foi utilizada a imersão na realidade proposta, como na semana da FEMUR 2010, mencionada na introdução do livro.

3.2 Planejamento

O presente trabalho foi dividido em sete capítulos, considerando-se como fator de delimitação a história do protagonista Generoso Carneiro. Após a apresentação inicial, na qual se fala da contemporaneidade, retomou-se o relato do passado, em que preponderou a ordem cronológica dos fatos. Os capítulos foram divididos da seguinte forma: Introdução, Veias Industriais, Os primeiros móveis, Década de 70, Década de 80, Década de 90 e Século XXI.

O livro se inicia com a narrativa da FEMUR 2010, acontecida durante o mês de maio de 2010, e daí constrói-se um gancho para a análise do passado, que nos permite compreender o que gerou tal avanço na cidade de Ubá, em termos de produção moveleira, até se chegar à atualidade.

No primeiro capítulo foi traçado um perfil histórico-econômico de Ubá, no qual se apresentaram aspectos cruciais que mais tarde conduziram ao início da produção moveleira na cidade.

Já no segundo capítulo, percebe-se que, com a Revolução Industrial ocorrida na Europa, o Brasil começava a sentir os primeiros impactos, o que ocorreu também em Ubá., onde já começava a aflorar a produção de produtos, com o aparecimento das primeiras fábricas.

A década de 1970 compõe o terceiro capítulo, no qual se revela que José Parma já havia instaurado a produção em série, e as primeiras feiras do setor começavam a acontecer, mesmo que inicialmente misturadas a outros produtos da cidade. Começava aí a grande vocação de Ubá para os móveis. Mais tarde, antigos funcionários saíram das fábricas precursoras e montaram suas próprias fábricas, difundindo cada vez mais a atividade na cidade.

Durante a década de 1980 – abordada no quarto capítulo – os profissionais do ramo começavam a se organizar na busca por melhorias. A organização dos moveleiros em prol de melhores preços e condições havia culminado em uma Associação de Classe, que com o tempo se tornou o Intersind.

O quinto capítulo traz a década de 1990, e retrata o que todos consideraram a maior conquista do setor, a Primeira Feira de Móveis e Máquinas de Ubá e Região, a FEMUR.

O século XXI começou para o setor com a primeira FEMUR realizada já no novo espaço. Surgiu também, devido às novas possibilidades, a Movexport, uma associação voltada para a coordenação da exportação dos móveis produzidos em Ubá. Tais fatos compõem o capítulo seis.

Durante o processo de escrita, devido à densidade de informações e à grande quantidade de fontes, alguns cuidados foram tomados para que o texto pudesse ter mais fluidez e clareza. Utilizaram-se estratégias como o uso de travessão para delimitar a fala de um personagem e o recuo acrescido de itálico nas falas do protagonista, Generoso Carneiro.

3.3 Projeto Gráfico

O projeto foi feito de acordo com o conteúdo estudado sobre planejamento gráfico e editoração eletrônica. A fonte escolhida foi a Arial, por não ter serifa, sendo assim mais crua, e mais simples. Sua principal característica é a facilidade e rapidez de leitura: a ausência de serifas ou rebuscamentos a torna eficiente, principalmente com a utilização de tamanho 10 e espaçamento 1,5.

As fotos utilizadas foram resultado de um vasto trabalho de pesquisa e coleta, tanto no Arquivo Histórico de Ubá, como nas entidades representativas do setor e em arquivos pessoais. Em outros momentos, foram tiradas fotos de móveis de época ou de personalidades retratadas no decorrer do livro. A intenção do uso de imagens é facilitar a associação do que está sendo dito, em relação ao que está sendo visto, facilitando ao leitor a visualização do fato narrado. Dessa forma, estão dispostas de acordo com o fato ou personagem que é inserido ao texto.

Caso editado, o livro apresentará formato 15x21cm, por permitir melhor manuseio e portabilidade, além de apresentar menores custos de impressão.

3.4 Memorial

Para a produção do memorial contendo o referencial teórico utilizado para a produção e edição do livro-reportagem, foram utilizadas diversas bibliografias. Além disso, realizou-se uma pesquisa nesse campo da Comunicação Social, a fim de se reconhecerem melhores técnicas de apuração, retórica e do papel assumido pelas grandes reportagens em relação ao jornalismo diário. Tal memorial foi produzido concomitantemente ao livro-reportagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O jornalismo tem que ser ciente de sua história, de seu valor e de seu compromisso em formar e informar cidadãos críticos e responsáveis, mesmo utilizando-se da vocação da narrativa elegante e eficaz do real, que, citando Guimarães Rosa, “... não está na saída, nem na chegada: ele se dispõe para a gente é no meio da travessia”.

Nas faculdades de Jornalismo é evidente o número de professores e estudantes que olham de soslaio os gêneros literários, desconhecendo até que o jornalismo é um desses gêneros. Dessa maneira, a reportagem, a crônica, o perfil, o relato ou a simples matéria aparecem repletos de carências estéticas, apresentando uma prosa sem brilho, fria, opaca e pouco emotiva.

O jornalismo encontra-se com a literatura quando toma consciência do silêncio das palavras. Um jornalista experiente sabe que escrever significa omitir por seleção. Somente o domínio profundo do texto permite o exercício da comunicação pelas entrelinhas e, nesse sentido, o livro-reportagem é fundamental.

A obra “Móveis de Minas: a história do polo ubaense”, aqui apresentada, buscou recompor a história e a formação do polo moveleiro de Ubá – atualmente, o terceiro mais expressivo do País – através da trajetória de vida do empresário Generoso Carneiro. Pretendia-se identificar quais fatos foram determinantes para o engrandecimento da atividade na região e os precursores de tudo que é realizado atualmente. Após a queda da produção agrícola em Ubá, diversos fatos e pessoas foram fundamentais para o fortalecimento do polo. Dentre tais, podemos destacar a vinda da família Trevizzano, que recém-chegados da Itália, juntamente a Mário Bouchardeux, compuseram a primeira fábrica de móveis de Ubá. Podemos também destacar José Parma, que para muitos foi um visionário e implementou o modelo de produção em série em Ubá, assim como o incentivo de Santinho Barreto, durante sua passagem pela Associação Comercial de Ubá. A união dos fabricantes que culminou na fundação do sindicato da classe, o Intersind, também se constitui importante diante do cenário da cidade em relação às outras produtoras de móveis do País, já que contribuiu, e muito, para melhorar a competitividade, a qualidade dos produtos e a organização das feiras do setor.

Durante todo o período de produção, além de contar a história proposta, procurou-se relacionar a atividade jornalística com o resgate da memória e, principalmente, utilizar o

livro-reportagem como um instrumento capaz de fugir das limitações do jornalismo diário, como espaço e tempo.

Extrapolando as amarras do cotidiano jornalístico, espera-se provocar uma maior reflexão em relação à história local e seu reconhecimento, permitindo a sua melhor preservação e propagação, tendo em vista que a produção é inédita.

Dentre as maiores dificuldades apresentadas, podemos salientar a falta de documentos referentes às primeiras décadas, que pudessem comprovar datas, algumas vezes divergentes dos relatos, e a inexistência de arquivos fotográficos em alguns casos. Em contrapartida, obteve-se a solicitude de muitos dos entrevistados, os quais se dispuseram a contar, pacientemente, toda sua história, a conduzir-nos a locais que marcaram seus relatos e disponibilizar fotos e arquivos, muitas vezes abrindo as portas de casa, para que pudessem ser fotografados móveis antigos.

Durante a apuração encontramos relatos algumas vezes apaixonados, outros emocionados e por vezes saudosistas, sentimentos que procuramos retransmitir ao leitor.

Finalmente, o relato culmina com a movimentação captada durante a FEMUR 2010.

Espera-se que esta pesquisa abra caminho para novos aprofundamentos no resgate da história local, bem como que o livro-reportagem possa, cada vez mais, ser utilizado em prol de que o público descubra novos horizontes cerceados pelos meios de comunicação tradicionais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARRETO, A. de A. **A eficiência técnica e econômica e a viabilidade de produtos e serviços de informação.** Ciência da Informação, 1996. v. 25, n.3.

BELO, E. **Livro reportagem.** São Paulo: Contexto, 2006.

BORGES, Y. **O tiro da bazuca contracultural de Hunter Thompson.** 2008. Disponível em: <<http://www.disruptores.com.br/?p=508>>. Acesso em: 05 mar. 2010.

CAPOTE, T. **A sangue frio.** São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

CARTA, Gianinni. **O velho novo jornalismo.** Disponível em: <www.facasper.com.br>. Acesso em: 23 out 2009.

COSSON, R. **Romance-reportagem: o império contaminado:** In CASTRO, G., ALEX (org). **Jornalismo e Literatura – a sedução da palavra.** São Paulo: Escrituras, 2002.

DEMÉTRIO, S. **Quando a linguagem é a notícia.** Disponível em <<http://outrapauta.wordpress.com/jornalismo-literario/>>. Acesso em: 05 mar. 2010.

FERRARI, M. H.; SODRÉ, M. **Técnica de reportagem - notas sobre a narrativa jornalística.** São Paulo: Summus Editorial, 1986.

FONTANA, M. **Os limites entre fato e ficção: jornalismo literário em perspectiva.** UFPE, 2008.

HELENA R. **História oral e micro-história: aproximações, limites e possibilidades.** UFSC Disponível em: <www.cfh.ufsc.br/abho4sul/pdf/Helena%20Rosa.pdf>. Acesso em: 05 mar. 2010.

HERSEY, J. **Hiroshima.** São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

LAGE, N. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística.** 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

LIMA, A. A. **O jornalismo como gênero literário.** São Paulo: Edusp, 2004.

LIMA, E. P. e outros. **New journalism – a reportagem como criação literária.** Rio de Janeiro: Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro. Secretaria Especial de Comunicação Social, 2003.

LIMA, E. P. **Páginas ampliadas - o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura.** São Paulo: Manole, 2004.

LIMA, E. P. **O que é livro-reportagem.** São Paulo: Brasiliense, 1993.

MEDINA, C. **Entrevista o diálogo possível.** São Paulo: Ática, 2001.

PENA, F. **Jornalismo literário.** São Paulo: Contexto, 2006.

REED, J. **Os dez dias que abalaram o mundo.** São Paulo: Ediouro, 2002.

ROSA, H. **História Oral e Micro-história: aproximações, limites e possibilidades**. UFSC, 2008.

SANTANA, L. **Jornalismo literário**. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/comunicacao/jornalismo-literario/>>. Acesso em: 05 mar. 2010.

TALESE, G. **A mulher do próximo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

THOMPSON, H. S. **Hell's angels - medo e delírio sobre duas rodas**. São Paulo: Conrad, 2004.

UNGARETTI, W. **A literatura como forma de resistência**. Ponto de Vista, 2001.

WOLFE, Tom - **The New Journalism**. Nova York: Harper & Row, 1973